

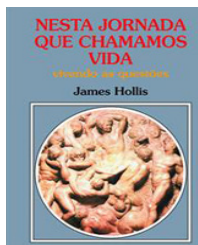
Fraternidade e Fome



**“Dai-lhes
vós mesmos
de comer!”**

(Mt 14,16)

SUGESTÕES DE LEITURA:



HOLLIS, James. Nesta Jornada que chamamos vida – vivendo as questões. Tradução Alessandra Siedschlag. São Paulo: Paulus, 2004.

Ao longo dos anos, James Hollis tem oferecido alimentos com os quais não estamos acostumados; porém crescemos apreciando o sabor de seus alimentos, que combinam de forma inédita o doce e o amargo. Dessa vez nos é oferecido algo diferente: é mais um trabalho em grupo do que uma refeição preparada.

É este o Hollis que compartilha nosso barco, navegando questões sem os mapas que frequentemente usamos. Ele reconhece a singularidade e o valor de cada jornada, partilhando experiências pessoais apenas para que possamos encontrar nossa própria compreensão. Este não é um livro de verdades reveladas. Mais do que isso, dedica-se a questões guiadas apenas pela intuição, persistência e energia que, tomara, cada um de nós tenhamos. A parceria é rica tanto em poesia como em prosa, porém a maioria é carregada de incerteza, e relembra-nos nossos tesouros.



ROHDEN, Huberto. O Sermão da Montanha. Segundo volume da coleção “Filosofia do Evangelho”. São Paulo: Martin Claret, 2019.

O Sermão da Montanha – os capítulos 5, 6 e 7 do Evangelho segundo Mateus –, é um claro convite e um permanente desafio para o ser humano realizar seu potencial. Proferido há mais de dois mil anos nas colinas de KurunHattin, ao sudoeste do lago de Genezaré; o Sermão é um completo programa para o ser humano “entrar numa nova dimensão de consciência, inédita e inaudita, paradoxalmente grandiosa”.

Neste livro, Rohden propõe-se analisar os principais ditos de Jesus. Além disso, ele também oferece aos seus leitores, um estudo analítico-filosófico das Bem-Aventuras, e acrescenta, ainda, o pequeno texto Aconteceu entre os anos 2000 e 3000, cujo conteúdo complementa a mensagem do Sermão.



LUCCA, José Carlos de. Simplesmente Francisco. 1ª ed. São Paulo: Intelítera Editora, 2021.

Francisco de Assis sempre exerceu enorme fascínio sobre José Carlos de Lucca, que acalentou por anos o desejo de escrever a respeito do jovem que viria a se tornar um dos santos mais populares da História da Humanidade. Simplesmente Francisco, porém, é mais do que uma biografia. O livro apresenta o Francisco “de carne e osso”, gentil, alegre, mas também naturalmente frágil, que enfrentou dúvidas e conflitos, levando o leitor a compreender que a santidade de Francisco foi construída na rocha de sua humanidade.

Francisco soube fazer de suas imperfeições a porta de entrada para que a luz de Deus penetrasse seu coração, e assim encontrou um sentido para a sua existência. Extraindo reflexões sobre essa vida repleta de desafios, conflitos e superações, De Lucca nos convida a buscar um sentido para a nossa vida também. Deixemos que Francisco, simplesmente, nos guie por esse caminho!

CONSELHO DIRETOR NACIONAL

Fátima e Zildomar - COORDENADORES NACIONAIS

Sílvia e Claudimar - VICE-COORDENADORES NACIONAIS

Irmã Alzemir - ASSESSORA ECLESEÁSTICA

Kleber - SECRETÁRIO EXECUTIVO

Maria Lúcia e Coutinho - CONDIR SUL

Dilva e Sílvia - CONDIR SUDESTE

Valdirene e Gildásio - CONDIR NORDESTE

Danielma - CONDIR NORTE

Neuzemi e Vando - CONDIR CENTRO-OESTE

CONSELHO EDITORIAL

Anderson Amorim Alves, Camila Contente Pavão, Gabryel Oliveira de Souza

Jorge Antônio Soares Leão, Lucilea do Socorro Souza Costa, Kleber José Oliveira Rodrigues, Maria Sebastiana Soares Leão

Solange Castellano Fernandes Monteiro/José Airton Monteiro (CONDIR Sudeste, MFC - RJ)

Rainey Barbosa Marinho (CONDIR NORDESTE, MFC - AL)

Arte e diagramação Anderson Nogueira (amarartesvisuais@gmail.com) e João Borges

Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

O que estou levando de interessante e significativo para o cotidiano? - 6

Deonira L. Viganó La Rosa

Deixando que o outro seja: educação como prática de liberdade - 8

A Grande Montanha - 11

Que lobo você vai alimentar? - 13

Manifesto - 15

O futuro ancestral - 17

Gratidão - 20

Leveza interior... - 22

Jorge Leão

Céu e inferno - 24

Permanecer em sintonia... - 26

Jorge Leão

A joia mais preciosa - 27

Empatia - 29

A prática básica - 29

O Salmo 126 e os dias de hoje - 32

A Data 8 de Março - 34

Solange e Airton Monteiro

As pedras e a Montanha... - 38

Jorge Leão

Valor do Tempo - 39

O cultivo do agradecimento... - 41

Jorge Leão

A taça de cristal - 42

Ser crístico - 43

O que estou levando de interessante e significativo para o cotidiano?

Deonira L. Viganó La Rosa

Terapeuta de Casal e Família. Mestre em Psicologia.

É nas vivências ou experiências do dia a dia que somos atingidos por sofrimentos morais, físicos e/ou emocionais, alegrias, dúvidas, sucessos e fracassos, apelos de ajuda ao próximo. Do modo como reagimos a tudo isso nos vem a saúde emocional, espiritual, e, - por que não? - física. A fé, a vivemos ali, no cotidiano, no dia a dia.

Observo que nossa fé e tradições familiares são bastante baseadas em ritos e devoções populares, o que não é mau. Mas, creio que precisamos ampliar nossa reflexão a partir do Evangelho, e ver como Jesus usava o cotidiano para ensinar o que queria que aprendêssemos. E seus milagres aconteciam para resolver uma situação difícil do cotidia-

no: gente com fome, doentes, amigos que sofriam pela morte de um familiar, pessoas oprimidas pelos poderosos, falta de vinho na festa ...

Chama a atenção uma pergunta feita por Christoph Theobald, jesuíta e professor de Teologia em Paris: "O que estou levando de interessante e significativo para o cotidiano"? - Ele afirma que a partir desta pergunta se produz uma teologia que tem no centro a ligação entre a experiência cotidiana do viver e o Evangelho. Esta pergunta me toca porque, assim como este teólogo, acredito muito que toda teologia deve ser feita a partir das vivências do cotidiano. A teologia "deve brotar do ventre do contexto", disse o também teólogo J. Batista Libânio.



A PALAVRA E A LINGUAGEM

Seja na homilia, na escola de teologia, ou na catequese em geral, falar de modo abstrato e teórico sobre questões vitais para o ser humano que vive concretamente, é, de algum modo, uma violência imposta. E isso não é o Evangelho de Deus, vivido por Jesus.

Centrar-se no cotidiano não impede que a teologia tenha uma linguagem específica, mas esta linguagem só tem sentido quando é capaz de tornar plausível a fé na vida cotidiana de alguém.

Esta compreensão de que a fé se vive no cotidiano exige de todos um fino faro, uma sensibilidade para os problemas concretos do humano, com os quais precisamos dialogar. Exige que não se fale de modo geral, genérico, mas se fale com alguém, com alguma pessoa concreta. Seja na homilia, na catequese, nas aulas de teologia.

O modo como alguém fala e se dirige, torna-se questão decisiva. "Não outro foi o estilo de Jesus, nas parábolas e nos discursos, dando espaço à liberdade de todos para trazer para fora a fé de fundo que cada um traz consigo na cotidianidade dos dias" (C. Theobald).

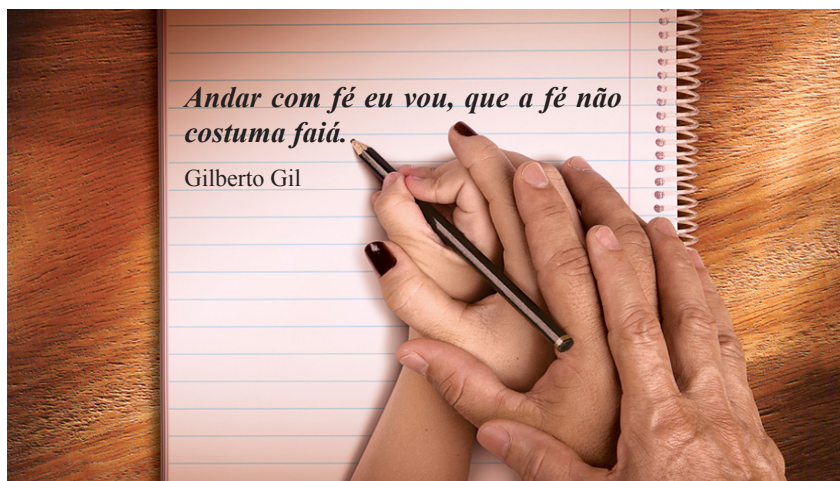
UM DEPOIMENTO FEMININO

"Temos que reconhecer que essa coisa da experiên-

cia ... vem do fazer teológico que se desdobrou nos últimos tempos, mas ninguém como as mulheres conseguiu fazer isso. Os homens falam da experiência, mas falam ainda academicamente das experiências. Já as mulheres falam dessas coisas, das suas vivências ou do seu sentir, do modo de viver a espiritualidade, do seu sentir Deus, o seu modo de sentir as outras pessoas, as dores, os sofrimentos, os sonhos, os projetos, isto é, as mulheres têm um trato bem diferente com essa questão da experiência.

Elas possuem outra sensibilidade, que, acho, não é uma questão ontológica, mas cultural, no sentido de que é a própria vivência. Nós somos constituídas desse jeito, no ter que nos desdobrar de múltiplas formas para lidar com a vida. E, essa situação que nos oprime, nos coloca em determinados espaços na condição de mulher, também nos enriquece em capacidade, nos potencializa para outro trato com o cotidiano, com as experiências com que traz chaves de leituras para o dia a dia. A gente enxerga coisas que os homens não enxergam, a gente sente coisas que os homens não sentem. A nossa corporeidade, a trajetória de vida, tudo vai junto. A gente integra tudo isso para fazer teologia". (Ester, 51 anos).

Deixando que o outro seja: educação como prática de liberdade



Educar é um ato heroico em qualquer cultura. Talvez seja pelo fato de que educar exija que a pessoa saia um pouco de si e vá ao encontro do outro; um outro desconhecido; um outro anônimo; um outro que me questiona; um outro que me confronta com meus próprios fantasmas, meus próprios medos, minha própria insegurança.

Talvez seja pelo fato de que educar exija sacrifício, exija renúncia de si, exija abandono, exija fé, exija um salto no escuro.

Talvez por isso educar seja algo para pessoas que acreditam nas outras pessoas.

Seja para pessoas que não se acomodaram diante

da mesmice que a sociedade pede todos os dias.

O educador tem os pés no chão, mas sua cabeça está sempre nas alturas, porque acredita que quem está à sua frente não é um cliente esperando para ser atendido, mas uma pessoa aguardando orientações para seguir seus passos. Essa é a razão de ser do educador. Essa é sua esperança. E, para isso, o educador precisa ser inteiro, precisa ser completo, precisa estar em sintonia consigo mesmo e com o universo.

O ideal seria que toda sociedade estivesse voltada para a realização de todos e não apenas para a de alguns privilegiados que se sentem

como deuses e querem decidir a vida das pessoas. O certo seria que todo ser humano desenvolvesse seus dons e talentos para o bem de todos e que não fosse algo extraordinário alguém se sobressair por causa de seu potencial artístico. Simplesmente deveria ser assim com todos; deveria ser comum todos os seres poderem expressar sua alegria de estarem vivos sem precisar “vender” seus talentos para se manterem vivos.

Infelizmente, no entanto, a realidade em que vivemos foi pensada de um jeito tal que as pessoas são compreendidas como máquinas de ganhar dinheiro, como objetos de consumo, como um monte de estrume que servirá apenas de esterco para aqueles que dominam o sistema atual.

É preciso reverter esse quadro. É preciso que os professores criem uma consciência nova, dinâmica, ancestral para que um novo jeito de pensar venha à tona e possa colocar em xeque uma sociedade que desvaloriza o ser humano em detrimento do dinheiro, do acúmulo, do consumo. É preciso que os professores virem educadores de verdade e possam despertar nossos jovens para o futuro que se inscreve em nossa memória ancestral. Só assim teremos um amanhã.

É nessa direção que se inscreve uma educação que se queira libertadora, emancipadora. Compreender o outro, o aprendiz, como um ser livre, capaz de fazer suas próprias escolhas. Que lhe sejam oferecidas ferramentas para perceber a realidade em que vive e, sobretudo, que deem capacidade de olhar para trás e se sentir integrado ao universo, para, então, ter condições de se lançar ao tempo que há de vir. Para que isso aconteça, a criança não deve ser cobrada para que seja outra coisa além de ser criança. Para cada fase da vida, suas preocupações. Na educação sonhada, há uma única verdade: nunca perguntar à criança o que ela vai ser quando crescer. Em uma sociedade que se queira equilibrada, é preciso oferecer brincadeiras, jogos, lazer, espaço, circularidade, música, arte, cooperação... É assim que uma criança aprende, é assim que ela cresce equilibrada, é assim que ela conseguirá responder aos desafios do mundo e da vida. É assim que ela crescerá livre.

Os educadores sabem que é assim que funciona. Infelizmente, a eles se tem cobrado resultados, números, aprovações, conteúdos. A escola, no sistema atual, cobra dos educadores, uma educação competitiva e não colaborativa; uma educação para a pro-

dução e não para o ócio (tão necessário para fazer brotar a criatividade); uma educação acrítica, porque pensada para formar robôs alienados.

Não é essa a educação que praticamos. Precisamos de gente comprometida, gente criativa, gente colaborativa, gente que compreenda que construir o futuro é, sobretudo, uma aposta no presente. É a criança do presente que me motiva; é o jovem do presen-

te que me anima; é o adulto do presente que me provoca; é o velho do presente que me movimenta. Se cada fase for bem tratada, humanos novos surgirão para dar continuidade ao mundo que vamos construir.

Fonte: MUNDURUKU, Daniel.
Mundurukando 1 – sobre
saberes e utopias. 2ª. edição
ampliada e atualizada. Lorena:
UK'A, 2020, p. 6 – 9.

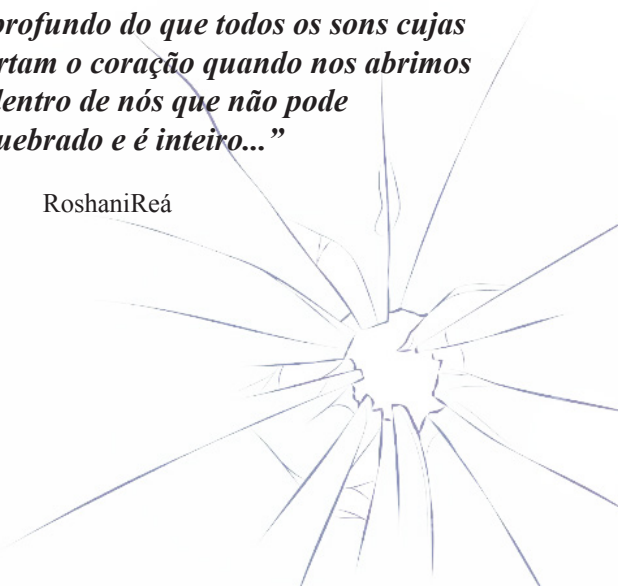


xxxxxxxx *Frase para reflexão:* xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

***“Há uma quebra da qual vem o inteiro...
E uma fragilidade de cujas profundezas emerge a força.
Há um espaço vazio vasto demais para palavras
através do qual passamos com cada perda,
de cuja escuridão somos consagrados a existir.***

***Há um grito mais profundo do que todos os sons cujas
bordas dentadas cortam o coração quando nos abrimos
ao lugar dentro de nós que não pode
ser quebrado e é inteiro...”***

RoshaniReá





Em um mosteiro afastado, no vale das montanhas do Himalaia, vivia um velho monge que orientava três jovens iniciantes à vida monástica.

A todos foram dadas as mesmas orientações para seguir a vida no mosteiro: viver de maneira frugal, ser grato ao acolhimento da vida e cultivar a compaixão por todo ser vivente, humanos ou não humanos.

O mais jovem deles era um exímio artesão, o do meio, um belo tradutor dos textos sagrados e o mais velho, um dedicado pintor. Cada um tinha durante o dia um momento reservado para conversar com o velho monge.

Certo dia, logo ao amanhecer, o velho monge conduziu os jovens iniciantes

para o pé da montanha e perguntou-lhes:

- O que a montanha tem em comum com as habilidades de cada um de vocês?

O mais jovem pensou por alguns instantes e respondeu-lhe:

- A montanha foi cuidadosamente erguida com silenciosa permanência de propósito: crescer em direção ao céu. Assim, penso eu, deve ser o trabalho de todo artesão: dar com entrega plena suas mãos para um propósito mais elevado.

O jovem tradutor respondeu ao velho monge:

- A montanha se assemelha ao meu ofício, porquanto ela traduz perfeitamente a passagem do tempo, oferecendo-nos uma sábia lição:

ninguém amadurece sem uma sólida base nas entranhas da terra.

E, por último, o jovem pintor assim disse ao mestre:

- A montanha desenha com a sua Presença imponente a beleza do encontro do céu com a terra, abrigando em seu corpo a harmonia das variações cromáticas existentes na maravilhosa aparição da infinidade de seres com suas múltiplas diversidades.

Ao escutar os três jovens, o velho monge assinalou:

- Que a lição da Grande Montanha conduza-os para a experiência da sabedoria. Aprendam com ela a permanecer na amorosa experiência do artesanato da alma, traduzindo o Sopro da Presença

com palavras e ações cotidianas radiantes, tecendo na tela da vida detalhes sempre renovados de beleza, serenidade e paz de espírito.

Fechemos os olhos, reverenciando com gratidão a amorosa Presença da Grande Montanha que habita em cada um de nós.

Vamos agora retornar ao nosso ofício diário, compreendendo que somos um pouco das características dos três jovens:

... somos artesãos de almas,

...tradutores de sentimentos, pensamentos e emoções...

... pintores na tela da vida, que nos foi presenteada maravilhosamente...

Sabedoria Búdica

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

“Temos que buscar razões para nossa Esperança e viver aquilo que anunciamos.”

Pe. Júlio Lancellotti



Que lobo você vai alimentar?



Depois dos ataques de 11 de setembro de 2001, quando muitas pessoas temiam uma espiral contínua e perversa de retaliação e violência global, uma lenda Cherokee maravilhosa se tornou viral na internet.

Um velho avô fala com o neto sobre as causas da violência e da crueldade no mundo. "Em cada coração humano", ele fala ao menino, "existem dois lobos brigando um com o outro – um é amedrontado e raivoso, e o outro, compreensivo e gentil". O menino olha atentamente nos olhos do avô e pergunta: "Qual deles ganha?" Seu avô sorri e diz calmamente: "Qualquer um que nós escolhermos alimentar".

É fácil alimentar o lobo que tem medo e raiva. Em especial se fomos muito feridos, o caminho da raiva pode se tornar

profundamente arraigado no nosso sistema nervoso. Quando a nossa velha sensação de ofensa ou medo é disparada, o calor e a pressão intoleráveis da raiva nos transpassam instantaneamente. Nossa atenção fica presa nos sentimentos e pensamentos de violação, e tudo o que queremos é vingança. Muitas vezes, antes de qualquer chance de escolha, a resposta grosseira já foi dada, batemos a porta com força, apertamos o botão de enviar um e-mail imprudente, falamos mal de alguém pelas costas.

No entanto, nós temos, sim, escolha. Meditações que treinam o coração e a mente desativam diretamente os caminhos da raiva que impulsionam os nossos comportamentos habituais. Enquanto o sistema límbico age quase instantaneamente, podemos

desenvolver uma resposta do córtex frontal – que inclui os centros envolvidos na compaixão – que interrompe e domina a reação. É aí que entra a atenção plena. A atenção plena é o “lembrar” que nos ajuda a parar e reconhecer o que está acontecendo no momento presente. Uma vez que paramos, podemos chamar os centros superiores do cérebro para abrir novas possibilidades. Podemos nos acalmar, podemos lembrar das dificuldades e da vulnerabilidade de outra pessoa, podemos lembrar da nossa própria bondade e força. Não importa quão dolorosamente sejamos provocados pela violência e insensi-

bilidade do mundo, podemos direcionar a nossa atenção de forma que nos leve para casa, para a nossa sanidade e bom coração intrínsecos. Esse despertar é o nosso potencial evolucionário: em consideração à nossa própria liberdade interior e ao bem-estar dos outros, podemos intencionalmente alimentar o lobo gentil e compreensivo.

Fonte: BRACH, Tara. Refúgio verdadeiro – Encontrando paz e liberdade no seu próprio coração desperto. Tradução de Aline Carvalho da Costa. Teresópolis, RJ: Lúcida Letra, 2021, p. 227 - 229.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

“Quando o coração do ser humano se enche de Deus, o mundo inteiro fica povoado de Deus. Levantas uma pedra e aparece Deus. Olhas para as estrelas e te encontras com Deus. O Senhor sorri nas flores, murmura na brisa, pergunta ao vento, responde na tempestade, canta nos rios, todas as criaturas falam de Deus, quando o coração está cheio de Deus.”



São Francisco de Assis
(1182 – 1226)



MANIFESTO

Tendo nascido em uma sociedade na qual as pessoas são educadas para se sentirem parte do todo;

Na qual o tempo não é linear, impedindo que as pessoas desperdicem suas vidas correndo atrás de riqueza e poder;

Na qual cada fase de vida é tratada como um processo que nunca mais se repetirá e, por isso, deve ser vivida em sua plenitude;

Na qual a relação com a natureza não é de domínio, mas de convivência;

Na qual as pessoas se sentem solidárias umas às outras e capazes de partilhar seu pão e sua poesia;

Na qual o passado é visto e respeitado como memória e o presente como uma dádiva que precisa ser usufruída e agradecida a todo momento;

Na qual os saberes são partilhados pelas histórias contadas nas noites sem lua para nos lembrarem que somos partes do mundo e não seus donos;

Na qual, enfim, somos, desde que nascemos, e nascemos para sermos inteiros, completos, não no futuro distante, mas no agora, no presente, hoje...

Entendo que é preciso valorizar todos os saberes;
Respeitar todas as diferenças;
Estimular cada vida;
Aceitar a diversidade de ideias;
Despertar cada vocação;
Alimentar cada sonho;
E sonhar, sonhar, sonhar.
Sonhar um sonho possível de respeito, dignidade, direitos.
Sonhar um mundo que nos faça ter dignidade por acolher o
que cada ser é.
Sonhar uma realidade que seja composta de alegria, alimentada pela liberdade de ser e de viver sem competir para mostrar mérito sobre outra pessoa.
Ah, como tenho o desejo de construir uma realidade em que possamos, de fato, sermos mais por sermos Um!
Alguém dirá que é utopia. Dirá bem, dirá certo. É.
O mais legal é saber que ela é possível. Eu a vivi. Eu vim de lá.
É o que quero oferecer aqui. Esse é o bem-viver que aprendi de minha gente. É ser Presente. É ser parte. É pertencer. É me importar com meu lugar. É me comprometer com a minha realidade. É não ficar indiferente. É não aceitar que digam que não posso fazer. É ser livre. É entender que minha realização só é possível quando o outro também se realiza. É ser solidário, solícito e coletivo.
Enfim, é Ser.

Fonte: MUNDURUKU, Daniel. Mundurukando 1 – sobre saberes e utopias. 2ª. edição ampliada e atualizada. Lorena: UK'A, 2020, p. 93 – 94.

O futuro ancestral



Para começar, o futuro não existe – nós apenas o imaginamos. Dizer que alguma coisa vai acontecer no futuro não exige nada de nós, pois ele é uma ilusão. Então, pode-se depositar tudo ali, como em um jogo de dados. Infelizmente, desde a modernidade, fomos provocados a nos inserir no mundo de maneira competitiva. E essa competitividade, estimulada durante séculos, acabou formando um mundo de jogadores. Se o futuro der certo: “Bingo!”. Mas a verdade é que estamos vivendo cada vez mais a projeção de futuros muito improváveis, embora continuemos preferindo essa mentira ao presente.

Ao focarmos nesse futuro prospectivo acabamos construindo justamente aquilo que Chimamanda Ngozi nos recomenda evitar: um mundo com uma única narrativa. O risco de projetar um futuro assim é muito grande, pois vem embalado em ansiedade, fúria e uma tremenda aceleração do tempo. Olhar sempre para o futuro, e não para o que está ao nosso redor, está diretamente associado ao sofrimento mental que tem assolado tanta gente, inclusive os jovens. É uma experiência que penetra por todos os poros e reflete em nosso estado emocional. O vasto ecossistema do planeta Terra também está sofrendo o estresse dessa aceleração.

No lugar de produzir um futuro, a gente deveria receptionar essa inventividade que chega através das novas pessoas. As crianças, em qualquer cultura, são portadoras de boas novas. Em vez de serem pensadas como embalagens vazias que precisam ser preenchidas, entupidas de informação, deveríamos considerar que dali emerge uma criatividade e uma subjetividade capazes de inventar outros mundos – o que é muito mais interessante do que inventar futuros.

Esses primeiros anos de existência fazem uma cartografia do mundo e fornecem uma espécie de mapa para a experiência adulta. Então, se nesse período a gente não reconhece os caminhos, depois vamos andar pelo mundo como se ele fosse um lugar estranho – não só do ponto de vista geográfico e climático, mas também de um lugar a ser compartilhado com outros seres. Nossa sociabilidade tem que ser repensada para além dos seres humanos, tem que incluir abelhas, tatus, baleias, golfinhos. Meus grandes mestres da vida são um constelação de seres – humanos e não humanos.

A liberdade que tive na infância de viver uma conexão com tudo aquilo que percebemos como natureza me deu o entendimento de que eu

também sou parte dela. Então, o primeiro presente que ganhei com essa liberdade foi o de me confundir com a natureza num sentido amplo, de me entender como uma extensão de tudo, e ter essa experiência do sujeito coletivo. Trata-se de sentir a vida nos outros seres, numa árvore, numa montanha, num peixe, num pássaro, e se implicar. A presença dos outros seres não apenas se soma à paisagem do lugar que habito, como modifica o mundo. Essa potência de se perceber pertencendo a um todo e podendo modificar o mundo poderia ser uma boa ideia de educação. Não para um tempo e um lugar imaginários, mas para o ponto em que estamos agora.

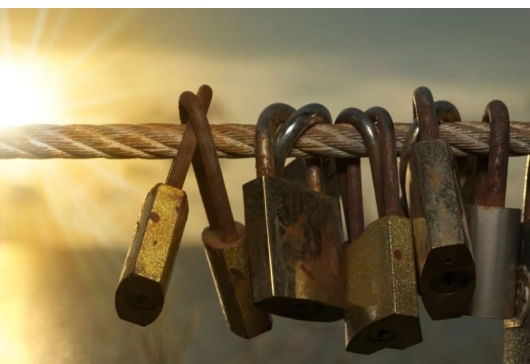
Para além de onde cada um de nós nasce – um sítio, uma aldeia, uma comunidade, uma cidade –, estamos todos instalados num organismo maior que é a Terra. Por isso dizemos que somos filhos da terra. Essa Mãe constitui a primeira camada, o útero da experiência da consciência, que não é aplicada nem utilitária. Não se trata de um manual de vida, mas de uma relação indissociável com a origem, com a memória da criação do mundo e com as histórias mais reconfortantes que cada cultura é capaz de produzir – que são chamadas, em certa literatura, de mitos.

As mitologias estão vivas. Seguem existindo sempre que uma comunidade insiste em habitar esse lugar poético de viver uma experiência de afeição da vida, a despeito das outras narrativas duras do mundo. Isso pode não ter um significado muito prático para concorrer com os outros em um mundo em disputa, mas faz todo sentido na valorização da vida como um dom.

Não há nada mais importante do que a vida. Estamos passando por uma experiência coletiva de apreensão diante de crises e pandemias, mas a constituição de mentalidades sensíveis significa também resiliência, capacidade de esses seres continuarem criando um mundo menos suscetível ao terrorismo psicológico que tem atingido a vida contemporânea. As famílias ocidentais em contexto urbano supervalorizam o sistema de educação. São adultos que aderem a esse formato no

qual as pessoas que chegam vão sendo inseridas no mundo. Antes de elas poderem escolher a experiência de se implicar no mundo num sentido coletivo, já são abordadas pela visão que os adultos têm dele. Um jovem de vinte anos já tem um mundo formatado dentro de si e, quando coloca uma criança nele, passa a agir a partir de sua aspiração de perfeição, daquela ideia de formar um sujeito campeão. Dessa forma, nós começamos, desde cedo, a sugerir para as crianças que elas precisam alcançar um patamar de excelência e ocupar lugares de destaque, pois no topo do pódio só cabe um. No entanto, esse pódio é uma mentira, porque não tem nenhum lugar no mundo onde só cabe um, sempre cabem todos.

Fonte: KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 96 – 106.



“Se estamos presos a crenças falsas, é porque não examinamos nossos pensamentos.”

Tara Brach:
“Refúgio Verdadeiro”, p. 151.

GRATIDÃO



Juliana voltou da praia cansada. Tomou um coco gelado, comeu umas frutas e se deitou no sofá. Luciana estava no banho. Teria notado que a magoara? Agora tudo parecia longe, distante. As ondas do mar haviam levado e lavado as faltas e os pecados do mundo.

“Está dormindo, Ju?” E Luciana foi se chegando. Também cansada. “Sabe, outro dia, Ju, desculpe, falei o que não devia. Gosto tanto de você, mas acho que tenho até um pouco de inveja – por isso falo besteiras. Vou me cuidar. Você me perdoa? Você me aceita assim tola?”

Juliana não se moveu. Era como se Luciana houvesse escutado sua mente. “Tô de boa, Lu. Deixa pra lá.”

“Inveja de mim? Por quê? Pelo apartamento que herdei? Nossa, meus pais morreram num acidente feio de avião. Meu irmão ficou tetraplégico e foi morar na Suíça. Moro aqui tão sozinha. Pessoas se aproximam para tirar vantagem. Meu programa de televisão está perdendo audiência. Preciso estudar mais para terminar o curso – e deixar de faltar. O Cauê foi embora. Resolveu dar a volta ao mundo surfando. O computador pifou. Só o celular me conecta com o mundo. Ufa, inveja de quê?”

Sem querer, essa última frase saiu em voz alta. Luciana se virou para a amiga e disse: “Você é linda, rica, tem apartamento, um programa de TV para adolescentes. Você é um grande sucesso. Eu sou ninguém”.

Juliana se levantou vagarosamente e se sentou segurando a cabeça com as duas mãos. A brisa do mar era como um afago.

“Olha, Lu, a primeira estrela. Vamos fazer um pedido?”

“O que vamos pedir?”, quis saber Luciana.

De mãos-dadas, de olhos cerrados, murmuraram juntas:

“Que nada jamais destrua nossa amizade”.

Anos e anos se passaram. Juliana agora é avó de cinco netos e três netas. Sentada naquele mesmo sofá, sozinha no apartamento antigo, vê a primeira estrela da noite. Lembra-se de Luciana. Por onde andaria?

A campainha da porta toca. Luciana entra na sala. “Olha,

Lu, a primeira estrela. Vamos fazer um pedido?”

E as duas senhoras, sentadas lado a lado, dão-se as mãos, fecham os olhos e murmuram juntas: “Gratidão”, enquanto uma suave gota do mar desliza entre suas rugas marcadas.

Quando percebemos nossos sentimentos e nossas emoções, quando conseguimos verbalizar o que sentimos, os libertamos.

A verdadeira amizade permanece sem recalques, sem segredos. Na confiança de perceber e de compreender sem julgar.

Fonte: COEN, Monja. *A Sabedoria da Transformação – Reflexões e experiências*. 3ª. ed. São Paulo: Academia, 2019, p. 38 – 39.

◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊ *Frases para reflexão:* ◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊

“O justo encontra refúgio em sua integridade.”

Provérbios 14, 32b





Leveza interior...

Jorge Leão

Quanto mais leve for a tua alma, mais seguros serão os teus passos...

Leveza de alma é liberdade no tempo... é caminhar amorosamente sobre a Terra...

E ter a serena alegria da paz de espírito...

Caminha levemente sobre a Terra e terás cultivada a semente do Sopro divino na travessia da vida...

Não te cobres demandas de perfeição...

Vive cada dia, na inteireza dos passos...

Busca suavizar as pressões do tempo na consciência da transição. Somos seres em passagem, por isso a caminhada fica mais leve no desapareço.

A leveza interior é companheira do desapareço.

A prática meditativa é alimento na agricultura da alma.

Somos agricultores do tempo, retomando a memória dos afetos em cultivo diário...

Que o plantio da consciência desperta seja alimento da leveza interior...

Que a luz da meditação nos preencha os caminhos, inundando o nosso ser de beleza interna como leveza de intensidade verdadeira, pela suavidade dos agricultores da alma na semeadura do tempo...

Inspirando luz... transpirando amor...

Namastê!

Jorge Leão

Participante do Movimento Familiar Cristão,
em São Luís, Maranhão.

Em 06 de outubro de 2022

TU TENS UM MEDO



Tu tens um medo:

Acabar.

Não vês que acabas todo o dia.

Que morres no amor.

Na tristeza.

Na dúvida.

No desejo.

Que te renovas todo o dia.

No amor.

Na tristeza.

Na dúvida.

No desejo.

Que és sempre outro.

Que és sempre o mesmo.

Que morrerás por idades imensas.

Até não teres medo de morrer.

E então serás eterno.

Cecília Meireles



Um samurai (espadachim do Japão antigo) estava repousando debaixo de uma árvore quando passou um monge budista. Ele não acreditava em nenhuma tradição espiritual. Era um homem duro e seco. Quantas vezes desembainhara sua espada? Quantos corpos havia mutilado? Quantos por sua lâmina haviam morrido? Já perdera a conta. Ao ver o monge, chamou-o e o interpelou: "Essa história de céu e inferno que vocês, budistas, contam é pura mentira. Onde fica esse céu, essa terra pura? E onde está o inferno?"

O monge o escutou atentamente e, em seguida, respondeu: "Você é um samurai muito ignorante e lento. Sua espada não serve para coisa alguma". Furioso, o samurai se levantou e começou a desembainhar a espada: "Como ousa falar assim comigo?". O monge disse, sorrindo: "Isso

é o inferno". O samurai parou e, em vez de tirar a espada da bainha, colocou-a mais para dentro. "Isso é o céu", disse o monge. E continuou sua caminhada.

Céu e inferno estão em nós mesmos. Quando entramos no mundo do ódio, da raiva, do rancor, da vingança, do ciúme, do tédio, da preguiça, da ganância, da ignorância, penetramos o inferno. Perdemos a condição de apreciar a vida. Sofremos e causamos sofrimento. Quando penetramos o mundo da compreensão, da sabedoria, da compaixão, da ternura, do amor incondicional, adentramos os portais do céu. Recuperamos a capacidade de apreciar a vida. Alegramo-nos e causamos alegrias a muitos seres.

Há também uma analogia, que já vi manifesta em muitas tradições espirituais, incluindo o budismo. Di-

zem que, tanto no céu como no inferno, as pessoas estão sentadas diante de uma imensa mesa com um banquete muito saboroso pronto para ser desfrutado. Tanto no céu como no inferno, elas estão amarradas às cadeiras e têm as mãos atadas a grandes conchas e colheres.

No inferno, tentam desesperadamente se alimentar. Os cotovelos não se dobram. Enchem as conchas e colheres com os alimentos mais deliciosos, mas não conseguem levá-los até a boca. Sofrem, ficam magras, famintas, aflitas.

No céu, a mesma mesa, os mesmos quitutes, as mesmas colheres e conchas amarradas às mãos, os cotovelos duros. Entretanto, todos sorriem e estão felizes. As conchas e colheres chegam perfeitamente até a boca da pessoa que está sentada à frente. Assim, alimentando uns aos outros, estão tranquilos e alegres.

Não é assim com a nossa vida? Quando somos pessoas egoicas, quando pensamos em nós em primeiro lugar, perdemos. Quando saímos do eu menor e adentramos o Eu Maior, pensando no bem de todos em primeiro lugar, ganhamos. É sempre assim.

Uma vez, ouvi falar de um político do interior do Nordes-

te que havia recebido dinheiro para fazer um poço na cidade, quase morta de sede. Considerando-se muito sabido, construiu o poço em suas terras e só permitia que sua família, seus amigos e correligionários tivessem acesso à água. Suas terras foram invadidas e ele perdeu tudo o que possuía. Se houvesse aberto o poço a toda a cidade, sua família, seus amigos e correligionários também se beneficiariam, juntamente com todas as outras pessoas. Fal-tou-lhe o olhar maior. Estava preso na pequenez de sua mente, de um mundo delusório no qual se considerava separado dos outros.

Estamos todos unidos pela vida. Somos a teia da vida. Ao beneficiar outras pessoas, outras criaturas, estamos beneficiando a nós mesmos. A isso chamamos despertar, acordar para a mente iluminada. Não é muito diferente dos ensinamentos das outras grandes tradições espirituais, não é mesmo?

Ao fazer o bem a todos os seres, todos os seres se beneficiam. "Todos os seres" incluem nossa família, amigos, parentes e nós mesmos.

Fonte: COEN, Monja. Sabedoria da Transformação – Reflexões e experiências, p. 44 – 46.

Permanecer em sintonia...

Jorge Leão

Permanece em sintonia com a luz da verdade a mente que se deleita nos caminhos da simplicidade e do serviço acolhedor à compaixão e à disponibilidade...

A vida se torna mais leve e radiante na permanência da sintonia com o sol da contínua Presença do serviço a um plantio diário, na cooperação com a expansão do Bem no mundo.

Por meio de pequenas ações cotidianas, poderemos expandir a permanência da sintonia com a luz do Bem.

Palavras ditas com a energia da profunda e terapêutica cooperação com o bem e com a serenidade da leveza.

Ações presentificadas com o alimento da sintonia a um bem maior. Estar presente como luz a irradiar esperança... são demonstrações práticas da atitude permanente na sintonia desta frequência amorosa.

O tempo passa como sentido a partir do acolhimento ao que nos plenifica: o amor, a liberdade, a paz de espírito...

São esses os pilares da profunda permanência no caminho da perseverante atitude de sintonia com o Bem.

A meditação diária é caminho terapêutico para a permanência na sintonia da luz do Bem.

Que possamos sentir com acolhimento o encantamento na sintonia da Paz, que nos inspira e nos habita como os fulgores das luzes do sol a cada amanhecer...

Gratidão!

ShalomAleichem!

Jorge Leão – participante do MFC, em São Luís, Maranhão.

Em 02 de fevereiro de 2023.



A JOIA MAIS PRECIOSA



Na Índia antiga, um sábio procurava por seu discípulo. Já caminhara por muitos locais distantes. Vilarejos, cidades e campos. Será que ainda não nascera? De repente, o sinal auspicioso: um arco-íris surgindo do palácio real. "Finalmente", pensou satisfeito. E caminhou com vigor até os portais. Quando chegou, foi muito bem recebido. O rei apreciava a visita de religiosos e ficou feliz em saber do sinal. "Quem sabe, seja um dos meus três filhos?"

Para fazer a prova de qual seria, deu ao sábio a joia mais rara de seus tesouros e o alojou em uma sala para as entrevistas. O primogênito entrou. Mas viu o sábio. A joia estava no centro da sala. Foi até ela e disse: "Essa joia é a mais preciosa de nossos

tesouros". O sábio agradeceu e se despediram.

O segundo filho entrou na sala e foi diretamente para a joia estava, dizendo: "Nada se compara ao brilho dessa joia". E logo saiu.

O terceiro filho entrou na sala e foi diretamente ao sábio, sem prestar atenção à joia. Surpreso, o sábio perguntou ao menino: "O que você acha dessa joia preciosa que seu pai me deu?". "Senhor", respondeu o menino, "a joia mais preciosa que existe é a da verdade suprema. O brilho mais irradiante é o dos ensinamentos corretos". Reconhecendo ali o seu sucessor, o sábio se foi, dizendo ao rei: "Quando chegar o momento, voltarei para que ele me siga".

Sabemos reconhecer qual é a joia mais preciosa de todas as joias? Ou estamos apegados a objetos considerados valiosos pela sua raridade?

A raridade da mente que percebe o tesouro inmensurável da verdade e o brilho inesgotável dos ensinamentos corretos é a riqueza maior que se pode alcançar.

Há um momento na vida em que nos questionamos sobre os valores que realmente importam. Se estivermos cercados por pessoas sábias, seremos estimulados a penetrar nestas questões: o que é a vida? O que é a morte? Por que nascemos? Tudo morre quando eu morro? Quem sou eu? Há sentido nesta existência?...

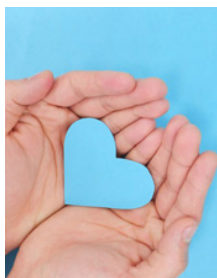
É importante questionar. É importante estimular crianças e adolescentes, adultos e idosos. Pessoas de todas as faixas etárias devem ser incen-

tivadas ao questionamento que leva diretamente à casa do tesouro, de onde podem se servir a seu contento. Somos esse tesouro. Está em nós, mas é protegido por valentes guardiões.

Só quem estiver em pureza pode penetrar. Só quem se dedicar a essa procura com todo o seu ser, entregando-se verdadeiramente, poderá passar. Surgirão obstáculos, provocações. Os guardiões nos observam procurando pelos nossos pontos fracos e fazem surgir delusões, imagens falsas nas quais acreditamos como se fossem reais. A mente pode enganar a própria mente. Se cairmos em tentação, perderemos o Caminho, que está exatamente onde nós estamos.

Fonte: COEN, Monja. Sabedoria da Transformação – Reflexões e experiências, p. 52 – 53.

♦♦♦♦♦♦♦♦♦♦ *Frase para reflexão:* ♦♦♦♦♦♦♦♦♦♦



***“Uma resposta gentil acalma a cólera,
uma palavra dura excita a ira. A língua dos
sábios faz apreciar a ciência, a boca dos
estultos derrama insensatez.”***

Provérbios 15, 1 – 2.

EMPATIA



A prática básica

Das profundezas do nosso ser, precisamos ver o egocentrismo como uma grave imperfeição. Até o momento, o egoísmo e seu análogo, a ignorância, têm feito morada no centro de nosso coração. Seja como um micro-organismo ou um ser superior, o egoísmo já deu forma ao nosso ponto de vista, incitado pela ignorância, de modo que temos feito o máximo possível na busca de nossa felicidade. Contudo, a maioria dessas ações praticadas para nos tornar felizes nada mais fez do que gerar uma grande confusão.

Se examinarmos e refletirmos sobre os fatos correntes na situação mundial de nossos dias, veremos que o tipo de derrocada pelo qual o mundo vem passando

do deve-se ao egoísmo. Os problemas que nos afligem, provocados pelo egoísmo, não se restringem apenas ao nosso período de vida; na verdade, são algo em que já estamos mergulhados desde tempos imemoriais. Em seu Guia do Estilo de Vida do Bodissatva – Um poema budista para os dias de hoje, o sábio e yogue indiano Shantideva diz que precisamos examinar o tipo de lamaçal em que o egoísmo nos mergulhou e compará-lo com as maravilhosas qualidades e o estado grandioso de altruísmo que decorrem do fato de guardar os outros no nosso coração. Comparemo-nos, e será muito fácil constatar qual deles é preferível.

Deste ponto de vista, esse tipo de reflexão é muito útil

para a sociedade atual, particularmente quando existe o perigo dos problemas humanos de inquietação, violência, terrorismo e guerra, pois, em tais circunstâncias, a força da compaixão, a força do amor e da bondade são essenciais. A harmonia e a amizade de que precisamos em nossas famílias, escolas, comunidades, nas nações e no mundo só podem ser alcançadas por meio da compaixão e da bondade.

Ajudando-nos mutuamente com consideração e respeito, poderemos resolver muitos problemas com grande facilidade. A harmonia não pode florescer num clima de desconfiança, impostura, intimidação e rivalidades em que os mais fortes tentem submeter os mais fracos mediante situações de torpeza e degradação.

Na melhor das hipóteses, o sucesso por meio da intimidação e da violência é passageiro; seus ganhos triviais só criam novos problemas. É por isso que apenas algumas décadas depois da imensa tragédia humana da Primeira Grande Guerra Mundial, seguiu-se a Segunda Guerra Mundial, na qual outros milhões de pessoas foram mortos. Depois disso, presenciamos a eclosão regular de novos conflitos, um após o outro, até que,

neste novo milênio, o mundo vem sendo assolado por carnificinas intermináveis. Se examinarmos nossa longa história de manifestações de ódio e de fúria, constataremos a necessidade óbvia de encontrar novos caminhos. Só poderemos resolver nossos problemas por meios verdadeiramente pacificadores – não apenas por meio de palavras que nos falem de paz, mas de mentalidades e corações verdadeiramente pacificadores. É desse modo que poderemos ter um mundo melhor.

Contudo, será isso possível? Lutas, imposturas e intimidações nos levaram a um beco aparentemente sem saída, agravado pelas inovações tecnológicas; hoje, se quisermos encontrar uma saída, precisaremos aprender todo um arsenal de novas práticas. Pode parecer impraticável e idealista, mas não temos nenhuma alternativa à compaixão, ao reconhecimento do valor humano e da unidade de todos os seres humanos: esta é a única maneira de alcançar a felicidade duradoura. A compaixão concentra-se na preocupação com os outros e leva à disposição de ajudar segundo nossa capacidade.

Viajo de um país para outro com esse senso de unidade. Como treinei minha mente por

décadas, não encontro barreiras quando entro em contato com pessoas de diferentes culturas. Estou convencido de que, apesar das diferentes culturas e dos diferentes sistemas políticos e econômicos, somos todos basicamente os mesmos. Quanto maior o número de pessoas que conheço, maior se torna minha convicção de que a unidade dos seres humanos, fundamentada na compreensão e no respeito, constitui uma base realista e viável para nossa conduta.

Onde quer que eu vá, é sobre isso que falo. Acredito

que a prática da compaixão e do amor – um sentimento verdadeiro de fraternidade – é a religião universal. Pouco importa se você é budista ou cristão, hinduísta, muçulmano ou judeu, ou se não tem uma religião específica. O que importa é o sentimento de união com a humanidade.

Fonte: DALAI LAMA. Meditação Essencial. Traduzido do tibetano e organizado por Jeffrey Hopkins. Tradução Jeferson Luiz Camargo – São Paulo: Pensamento, 2019, p. 30 – 33.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

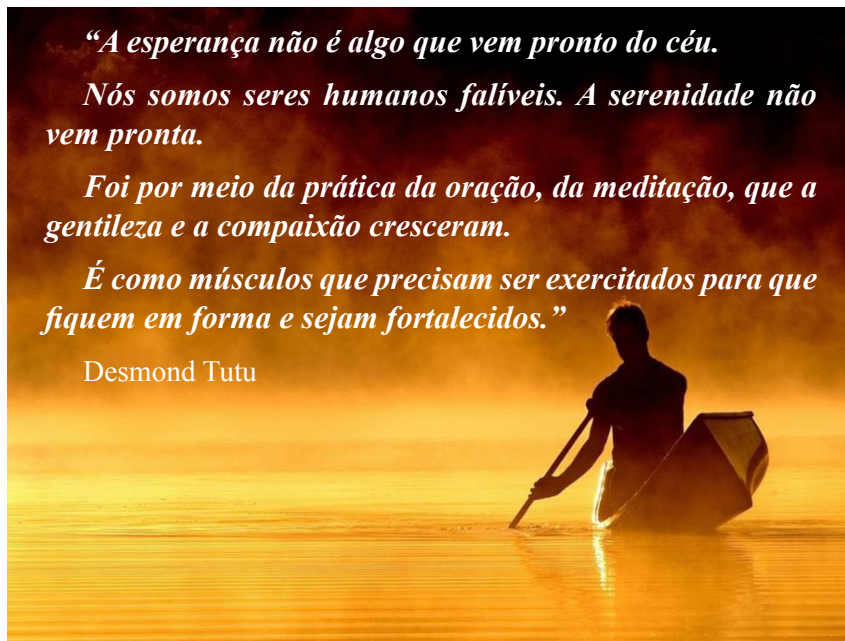
“A esperança não é algo que vem pronto do céu.

Nós somos seres humanos falíveis. A serenidade não vem pronta.

Foi por meio da prática da oração, da meditação, que a gentileza e a compaixão cresceram.

É como músculos que precisam ser exercitados para que fiquem em forma e sejam fortalecidos.”

Desmond Tutu



O SALMO 126 E OS DIAS DE HOJE

Frei Estêvão Ottenbreit

Este salmo nos ajuda muito a não olhar a nossa vida, agindo como se nós fôssemos responsáveis por tudo, como se tudo dependesse do nosso protagonismo ou do ativismo frenético no qual muitas vezes nos emaranhamos.

A mentalidade reinante praticamente nos obriga muitas vezes a pensar que somos protagonistas e responsáveis de tudo e quando não conseguimos realizar o que desejamos e como o desejamos, caímos facilmente na desilusão e até depressão. Mais ainda, quando levamos excessivamente em consideração o que os outros pensam de nós. Sentimo-nos fracassados.

O individualismo, entendido como autodeterminação e independência e liberdade, criou, no mundo em que vivemos, um tipo de solidão que se alastrou como uma verdadeira epidemia e pandemia

(para usar uma experiência que todos nós ainda temos bem na memória). Parece que ninguém pode escapar. Somos todos atingidos.

Crer que tudo depende de nós é uma ilusão (sustentada até hoje por uma mentalidade norte-americana). “Wecan” – Nós podemos. É difícil reagir contra, é difícil organizar a vida diferentemente. Parece que não dispomos de “anticorpos” para evitar esse vírus.

Mas aquele que crê ao menos deveria saber que não tudo depende de suas mãos. A casa, a cidade, o trabalho, a família não dependem apenas das nossas capacidades manuais e intelectuais. O salmo 126 afirma com simplicidade e clareza que sem o Senhor não se faz nada e que os nossos esforços serão em vão:

“Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os construtores.”

Vamos ler o salmo 126:

Salmos, 126

1 Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem. Se o Senhor não guardar a cidade, debalde vigiam as sentinelas.*

2 Inútil levantar-vos antes da aurora, e atrasar até alta noite vosso descanso, para comer o pão de um duro trabalho, pois Deus o dá aos seus amados até durante o sono.

3 Vede, os filhos são um dom de Deus: é uma recompensa o fruto das entranhas.

4 Tais como as flechas nas mãos do guerreiro, assim são os filhos gerados na juventude.

5 Feliz o homem que assim encheu sua aljava: não será confundido quando defender a sua causa contra seus inimigos à porta da cidade.

A mensagem do salmo é muito singela e profunda: Só o Senhor é o construtor da casa, o vigia da cidade, o doador do trabalho, enfim Ele que nos sustenta no cansaço e rende fecunda a família. Não se trata de um convite à preguiça e a um "providencialismo" irresponsável, mas quer ser uma chamada de atenção para reconhecer sempre a fragilidade humana e a total dependência de Deus.

É verdade, sem a fé e a consciência e o reconhecimento dos próprios limites, faz com que o

ser humano se apodera, por assim dizer, do lugar que pertence a Deus. É o pecado da origem (como nos mostram as primeiras páginas da Bíblia) quando o ser humano acreditou mais na palavra da serpente do que na palavra de Deus. O tentador sugeriu à Eva de dar corda ao sentimento de inveja de Deus.

A serpente (símbolo do mal) disse à Eva: "Não, não morremos... sereis como Deus, ficareis a conhecer o bem e o mal." (Gênesis 3,4). Podemos dizer que este é o grande drama do humanismo ateu e contemporâneo: o ser humano, dispensando Deus. O Ser humano colocando-se no lugar de Deus.

Dependendo da tradução, por três vezes o salmista usa a palavra "em vão". Sim, quando o ser humano age sem Deus, sua ação é vã. Neste sentido também, o autor do "Eclesiastes" escreveu no início do seu livro: "Vaidade das vaidades (ou ilusão das ilusões), vaidade das vaidades, tudo é vaidade (ou ilusão). Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol? Uma geração vai, uma geração vem e a terra sempre permanece."

Parecem palavras pessimistas, na realidade elas são o convite à fé. A fé se inicia quando o homem não se sobrevaloriza e abre a sua mente e o seu coração ao Outro, Deus, que está ao seu lado e o sustenta.



A Data 8 de Março

Solange e Airtton Monteiro (MFC Rio de Janeiro)

"Diferenças são parecenças, muito mais do que tu pensas"

(Refrão de uma canção infantil anti-xenófoba e anti-racista)

Na data 8 de março comemoramos o dia internacional da mulher. De forma romântica em muitos lugares acabam dando flores e passam o dia falando da importância dessas pessoas no mundo algumas vezes de forma "ingênua".

No entanto, a história dessa data traz dores e necessidades de questionar a vida e obra desses seres humanos que encontram, ainda hoje, uma referência dos pecados da discriminação, dos assédios, dos constrangimentos e do domínio. Tudo sob uma cultura em que o homem é o centro do universo e do poder.

No Antigo Testamento te-

mos passagens muito contraditórias sobre o papel da mulher. Encontramos a mulher: EVA que trai e envolve o homem para desrespeitar o pedido de Deus no paraíso causando-lhes um grande castigo (Gn 3: 17-19).

Lemos e interpretamos EVA de forma conflituosa. Mas, que também é lembrada pelo menos duas vezes e a palavra mais usada é "mulher" (Gn 3:20;4:1). Ela, uma mulher (Gn 3: 16) que Deus autoriza ao homem a dominá-la. No entanto, também passa a ser a mãe de todos os viventes (Gn 3:20).

Ou seja, no Velho testamento, em várias passagens

temos exemplos de mulheres que precisam servir ao homem, mas além disso temos as mulheres que fizeram a diferença no seu tempo. Todas as citadas destacaram-se e, num mundo dominado por homens, despontaram como grande possibilidade de Deus cumprir os seus propósitos. Sara cheia de fé, respeitosa, bonita e mãe do povo de Israel (Gn 21:6) foi uma delas. Miriã que era profetisa e muito respeitada entre os hebreus- (Êx (15:21).

Outras não só foram citadas como possuem, ao mesmo tempo, um livro no Velho Testamento: Judite e Ester. Não é intenção detalhar cada uma dessas mulheres na Bíblia aqui nesse texto, mas seria um grande estudo, para as nossas famílias nos dias de hoje, para entendermos o papel da mulher ontem, hoje e sempre.

Inúmeros estudos bíblicos, na igreja católica, em diferentes abordagens não deixam de reconhecer o diálogo cultural envolvendo a mulher. Os estudos tiveram progresso e a interpretação passa a deixar o seu período pré-crítico devido ao interesse pela Bíblia favorecendo o progresso da vida cristã. Num diálogo ecumênico no/ do tempo vivido percebe-se que, através do próprio nascimento de Jesus, Deus se

comunica com a humanidade a partir da mulher.

Todos aqueles que adquiriram uma formação séria nesse campo passaram a perceber que no Novo Testamento a mulher ganha maior destaque. Jesus percebe sua discriminação na cultura da época e passa a evidenciá-la, em seu tempo, como todo aquele que é excluído e não possui a libertação. Sim, esse é o grande caminho de um Jesus histórico: a libertação de tudo que nos oprime.

Considerando que a ESPERANÇA é um substantivo feminino e com olhos críticos de um cristão que vê o quanto a mulher ainda é um "Cristo crucificado", precisamos perceber o que se vivencia no cotidiano das famílias. Atitudes que podem de forma tão sutis manter a crucificação do Cristo nos dias atuais em relação a mulher. Sim, é preciso VER com olhos críticos cada uma de nossas ações cotidianas.

JULGAR essas ações com as atitudes de Jesus Cristo mediante a cada situação abordada sobre a mulher de Seu tempo. Não culpar, mas nos perdoar e fazer do nosso AGIR um escutar o que essa mulher traz em suas queixas, sucessos e dores. Uma escuta ativa e solidária. Uma escuta com o coração. Desse

modo, comemorar suas conquistas e tessitura de uma rede de conhecimentos libertadores dessa opressão vivida por séculos e séculos. Sua liberdade é uma liberdade de mão dupla. Isso porque a educação dos homens também precisa ser libertadora. A possibilidade de valorizar não só com palavras, mas com atos e não se omitindo mediante a tanta violência.

Prestar a atenção no próprio uso da palavra mulher ou uso das palavras que passam a ter força em nossos discursos uniformizados, nos nossos textos, contextos, conversas, apresentações e diálogos familiares. Discursos que podem formar e perpetuar as culturas dominantes de opressão. Como consequência, as diferenças generalizadas por tantos anos passam a esconder as "parecenças" que permitem outro olhar sobre os conflitos que provocam uma violência simbólica. Uma violência na qual a matéria impressa em nossas narrativas passa e tem papel preponderante na história das nossas culturas.

Um professor de História da Cultura na Universidade de Cambridge, Peter Burke, nos lembra que as culturas são heterogêneas e diferentes. Assim, cada grupo reage de modo diverso nos encontros culturais em todo e qual-

quer espaço e tempo. Desse modo, também na questão da mulher, as discussões traçam provocações das "diferenças e parecenças" no momento que vivemos. Seja no texto escrito que se processa em celulares, as imagens da e na internet que avança a cada dia, na rede das mídias sociais ou nos noticiários temos que tomar um pouco mais de cuidado para não reforçarmos a opressão em vez da libertação. A mesma preocupação temos que ter em nossa casa.

AQUI CABEM ALGUMAS REFLEXÕES:

Por que será que numa turma de formação de professoras quando só temos "alunas" continuamos a dizer: "os alunos"?

Quando temos uma consulta com uma médica, continuamos falar "vou ao médico", e não nos referimos "vou à médica"?

Em nome da norma culta da língua portuguesa, talvez estejamos reforçando uma dominação nefasta. O uso de uma palavra no feminino (A data) faz parte de uma decisão nesse texto (Não coloquei O DIA 8 de Março). Não se trata de primar de uma "cartilha do politicamente correto" ou de um "feminismo" mas de uma opção derivada da consciência de que, histórica-

mente, aprendemos e usamos palavras que ainda traz um reforço da cultura masculina dominante e um machismo estrutural.

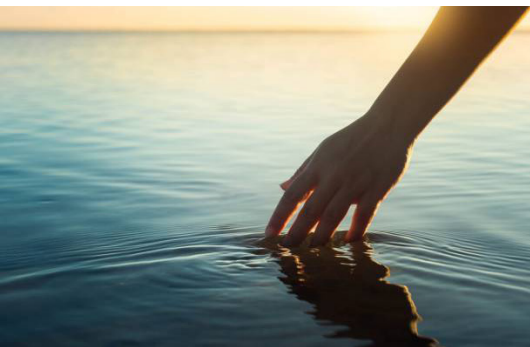
Pode ser uma "bobagem". Todavia, nessas sutilezas e, sem nos darmos conta, tudo isso deriva do fato de a memória do que aprendemos somada às ações cotidianas são impregnadas de tantos "masculinos" que teremos que VER com os olhos do coração, JULGAR sem começarmos a evidenciar as diferenças. Mas precisamos demonstrar as "parecenças" da esperança feminina que passa a reinar nesses novos tempos. Mesmo com tantas notícias de feminicídios, o anúncio de que na história da humanidade, pela primeira vez, a igualdade, a liberdade e a cidadania mulher aparecem nos grandes e pequenos debates do nosso dia-dia. Nossos textos, encontros,

formações e debates no interior de cada família, comunidades e tantos outros espaços vão tecendo mais substantivos femininos através do nosso AGIR como cristãos que seguem as ações de Jesus Cristo com as mulheres.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO INDIVIDUAL E/OU COLETIVAMENTE:

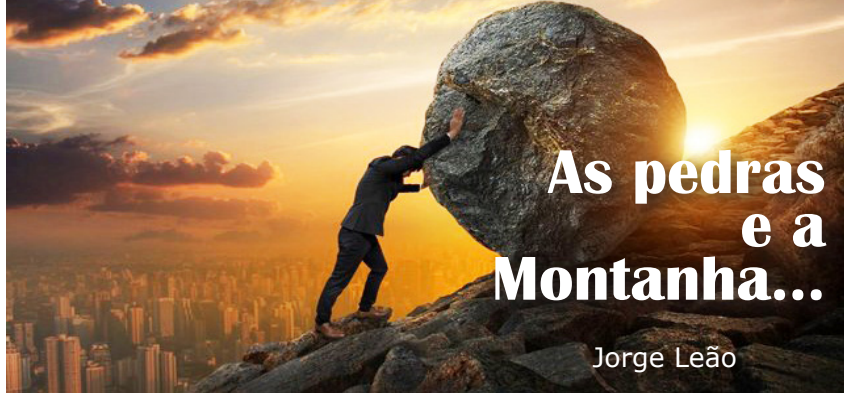
1. De que forma percebemos a mulher nos dias de hoje?
2. Qual a importância da mulher na família?
3. A partir do texto, que tipo de educação estamos dando aos nossos filhos e filhas?
4. Os jovens e as jovens percebem as "diferenças e parecenças" femininas e masculinas?
5. Como sua Equipe Base trata esse tema?

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇



“Paz não é ausência de conflitos, é administrar os conflitos em paz.”

BUDA



As pedras e a Montanha...

Jorge Leão

Subimos na estrada da vida... Também, por vezes, caímos, sucumbindo aos entraves circunstanciais do espaço-tempo.

Seguimos a travessia no encontro de sinais. É o que Carl Gustav Jung (1875 – 1961), psicólogo suíço, iniciador da Psicologia Analítica, denomina de “experiências arquetípicas”, isto é, símbolos primordiais presentes no inconsciente coletivo da humanidade, que nos lançam diante do mistério mais profundo sobre nossa própria jornada terrena.

Com as pedras, podemos, inicialmente, associar sua imagem a tropeço, obstáculos, entraves... Entretanto, ao refletirmos de modo mais cuidadoso, é possível encontrarmos nas pedras o significado simbólico de caminho de reconstrução ou elementos a serem utilizados para compor a construção de uma nova casa. Assim é o curso de nossas vidas, com pedras ao longo da estrada...

Com a Montanha, associamos simbolicamente subida, meta, propósito. Ao avistá-la,

ainda longe, poderemos perguntar: o que me distancia de minha meta? Ou antes, eu tenho algum propósito, eu consigo identificar um destino a ser alcançado e construído ao longo de minha estadia neste mundo?

Pedras...

Montanha...

São metáforas para o caminho da vida...

O modo de ser desta travessia dependerá do nível de conexões interpretativas que iremos desenhar ao longo da nossa jornada.

Caminheemos...

Fazendo das pedras encontradas pela estrada sinais de reconstrução... e da Montanha a ser trilhada, dia após dia, uma estrada para o alimento cotidiano dos que se lançam corajosamente como alpinistas de suas próprias almas...

Namastê!

Jorge Leão – Professor de Filosofia e membro participante do Movimento Familiar Cristão, em São Luís, Maranhão.

04 de março de 2023

Valor do Tempo



“Tempo é dinheiro”. Já cansei de ouvir esta frase. Sempre pensei no seu significado. Você já parou para pensar em quanto vale o seu tempo? O tempo sempre foi um problema para o pai de Lucas. Certo dia, o menino, com uma voz tímida e olhar triste, pergunta para o pai:

- Papai, quanto o senhor ganha por hora?

- Por que você quer saber disto? Não é da sua conta, menino. Eu estou cansado, não venha me amolar com besteiras – respondeu o pai.

Mas Lucas insistiu:

- Por favor, papai, diga quanto o senhor ganha por hora.

Diante da insistência do filho, o pai resolveu encurtar o assunto e responder logo.

- Eu ganho seis reais por hora – disse, sério.

E Lucas continuou, para desespero do pai, que não queria continuar a conversa com o filho:

- O senhor pode me emprestar um real? – perguntou.

O pai, nervoso e rude, respondeu:

- Então esta era a razão de você querer saber quanto eu ganho por hora? Vá dormir e não me amole mais, estou muito cansado para ouvir besteira.

Um tempo depois, tarde da noite, o pai sentiu remorso pela maneira como tratou Lucas. Talvez o garoto precisasse comprar algo para a escola, pensou. Querendo reconciliar-se com o filho, foi até o quarto de Lucas e disse sussurrando:

- Filho, acorda! Olha aqui o dinheiro que você me pediu.

- Muito obrigado, papai – disse Lucas.

Levantou-se, abriu a gaveta ao lado da cama e retirou um monte de moedas. Com um brilho nos olhos, olhou para seu pai e exclamou:

- Agora já completei! Já tenho seis reais, poderia me dar uma hora de seu tempo?

PARA REFLETIR:

Quanto vale o meu tempo? Responder a esta pergunta é fundamental para nossa vida. Deveríamos aproveitar muito mais o tempo que temos. Sair com os amigos, dedicar algumas horas por dia para a esposa/marido, para brincar com os filhos. Dedicar algumas horas para sorrir, relaxar, voltar a ser criança. Algumas horas para mergulharmos no sabor da vida. O valor do nosso tempo é estipulado por nós mesmos. Há momentos na vida que dinheiro nenhum é capaz de pagar. E eles não custam nada, surgem espontanea-

mente. Vamos aproveitar melhor nosso tempo, valorizando as pessoas que amamos.

PARA DEBATER EM GRUPO:

Quanto custa uma hora de minha vida? Como aproveito meu tempo? Como dividido as tarefas? O tempo que passo com minha família é o suficiente? E com os meus amigos? Consigo equilibrar o tempo de trabalho com o de lazer? A quais atividades preciso dedicar mais tempo?

TEMAS PARA SEREM TRABALHADOS:

Família, vivência intensa, aproveitamento do tempo, organização, disciplina, amizade, dedicação, lazer, estresse, valorização dos momentos felizes / saudáveis, necessidade de equilíbrio, saúde.

Fonte: ZANON, Darlei. Parábolas de Sabedoria. São Paulo: Paulus, 2005, p. 31 – 33.

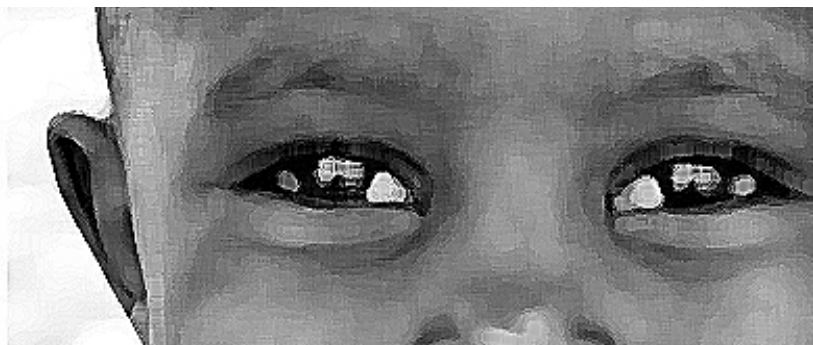
◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

***“Guarda a serenidade
e prossegue agindo na
extensão do bem.”***

Chico Xavier



O CULTIVO DO AGRADECIMENTO...



Jorge Leão

Cultiva em teu coração o espaço de experiências acolhedoras.

Interioridade é alimento para o espírito.

O brilho da alma reflete o quanto foi tocado o coração.

Acordar e reverenciar as passagens...

Cultivo pelas caminhadas...

Colheita dos aprendizados...

Sentir-se acolhido pela ternura do olhar de uma criança é também uma experiência de sublime gratidão à vida.

Partilha a tua mesa e saberás o quanto a gratuidade da vida te acompanhou até hoje.

Seguindo o ritmo das notas do destino que a tua alma vai escrevendo... na jornada de tuas andanças, de tuas alegrias e de teus desenhos na tela da vida...

Agradecer a cantar em júbilo pelo presentear do sopro de vida a cada alvorada que desponta em teu horizonte.

O caminho da vida é processo diário. Faz dele um bálsamo de agradecimento, devoção e beleza.

A preciosidade da vida está em agradecer a toda oportunidade de um novo aprendizado, diante das alegrias e dos desencontros, das benditas palavras que ecoam do coração de quem se dispõe a dizer: muito agradecido por este momento de luz...

Jorge Leão – participante do MFC, em São Luís, Maranhão.

Em 06 de março de 2023.



A TAÇA DE CRISTAL

Como que, sem abandonar nossos ideais, podemos ouvir, entender e continuar o caminho, sem perder o foco principal? A taça de cristal, cheia de água pura, pode se tornar uma lente que distorce a realidade. Até mesmo essa distorção é a realidade. Meu olho vê o que a taça transforma. Vê a taça, vê o que é além da taça. Será que alguma coisa é de mais ou de menos?

O olhar que vai além da taça e percebe o ângulo da taça é o olhar de sabedoria. Esse olhar é súbito e gradual ao mesmo tempo. Além de toda a dualidade, contém a dualidade.

O relativo (local) está no absoluto (global). O global se manifesta no local. O local interfere no global.

O que cada um de nós faz mexe com a teia da vida. Quando a teia da vida se move, cada um de nós se modifica.

Somos o todo e o todo é em cada partícula. Não somos parte do todo. Somos o todo manifesto em cada ser.

*Fonte: COEN, Monja. Sabedoria da Transformação
– Reflexões e experiências, p. 64.*

SER CRÍSTICO



O ser crístico é como o sol, suavemente poderoso, poderosamente suave.

É poderoso – mas não exibe poder.

É puro – mas não vocifera contra os impuros.

Adora o que é sagrado – mas em fanatismo.

É amigo do servir – mas sem servilismo.

Ama – sem importunar a ninguém.

Vive alegre – com grande compostura.

Sofre – sem amargura.

Goza – sem profanidade.

Ama a solidão – sem detestar a sociedade.

É disciplinado – sem fazer disso um culto.

Jejuia – mas não desfigura o rosto para mostrar a vacuidade do estômago.

Pratica abstinência de muitas coisas – sem fazer disso uma lei ou uma mania.

É um herói – mas ignora qualquer complexo de heroísmo.

É virtuoso – mas não é vítima da obsessão de virtuosidade.

Trabalha intensamente, com alegria e entusiasmo – mas renuncia serenamente, a cada momento, aos frutos do seu trabalho.

Assim é o ser humano que se tornou “luz do mundo”.

Fonte: ROHDEN, Huberto. O Sermão da Montanha.
São Paulo: Martin Claret, 2019, p. 160.

SUGESTÕES DE LEITURA:



BETTO, Frei. Começo, meio e fim. Ilustrações Vanessa Prezoto. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2014.

Começo, meio e fim é o relato envolvente da morte por uma menina tão meiga e doce que costuma associar todos os membros de sua família às guloseimas que gosta de devorar. É a descoberta de que a vida também tem seu lado amargo, quando perdemos aqueles que amamos sem entender muito bem a própria razão da existência da morte.

Aprendizado suavizado pela amorosa lição de vida dada por seu avô. Falar da morte para crianças é um desafio que pouquíssimos escritores ousaram enfrentar. É preciso o talento, a sensibilidade e, sobretudo, a fé inquebrantável no ser humano de um Frei Betto para vencer um desafio desse porte.

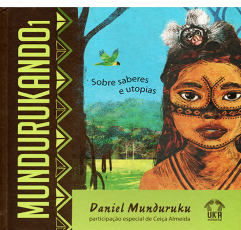


KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. Pesquisa e organização: Rita Carelli. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. Comentários de Muniz Sodré

Ailton Krenak é um filósofo originário: desentranha do pensamento indígena uma forma que os ocidentais se habituaram a reconhecer como “filosofia” e a confronta, à medida que também a aproxima, com os modos especulativos europeus e outras cosmovisões tradicionais. Diz Krenak neste livro que o futuro é ancestral. O que de imediato evoca Heráclito, para quem origem é destino. Mas Krenak vai além para se referir de modo implícito e concreto à ancestralidade como a própria terra, pensamento que se assemelha a perspectivas de matriz africana. Quer dizer, isso que sempre esteve aí, como o mais próximo de nós no passado, está agora e estará depois, como eterna presença do ser.

A leitura dos textos reunidos no livro é uma experiência de romper o espaço entorno em busca de algo que ainda não se conhece, mas se pressente. É uma viagem com o transe da paixão pela descoberta. O Watu e os outros rios de que fala Krenak, junto com seus seres, são entidades vivas, astutas o suficiente para mergulhar em busca de lençóis freáticos e escapar do bullying das lajes de cimento que tentam lhes aprisionar o fluxo, ou mesmo sobreviver ao ecocídio tóxico dos detritos. Mas o rio também é terra, é árvore, está na gente por dentro e por fora, nos ciclos infintos das metamorfoses vitais do planeta. No Fédon, de Platão, Sócrates ensina que filosofia é música. Na modernidade, se equiparou à poesia. Afins ao cuidado com o mundo, as palavras de Ailton Krenak soam musicalmente poéticas, antes que o leitor viaje numa deslumbrante filosofia da terra.

MUNDURUKU, Daniel. Mundurukando 1 – sobre saberes e utopias. 2ª. edição ampliada e atualizada. Lorena: UK'A, 2020.



O educador tem os pés no chão, mas sua cabeça está sempre nas alturas, porque acredita que quem está à sua frente não é um cliente esperando para ser atendido, mas uma pessoa aguardando orientações para seguir seus passos. Essa é a razão de ser do educador. Essa é sua esperança. E, para isso, o educador precisa ser inteiro, precisa ser completo, precisa estar em sintonia consigo mesmo e com o universo.

Daniel Munduruku nos apresenta, neste volume, ensaios, entrevistas, artigos e pensamentos que o têm transformado em um dos principais pensadores indígenas do Brasil. Mundurukando 1 – Sobre saberes e utopias é um verdadeiro passeio pela nossa alma ancestral.

Obs.: os livros de autores indígenas como Daniel Munduruku e tantos outros, podem ser encontrados acessando o site da Livraria Maracá: www.livrariamaraca.com.br